

APRESENTAÇÃO

Esta edição da Revista Grau Zero, organizada pelos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia, apresenta um dossiê temático voltado para a questão da Economia Criativa e Cidadania: democracia, solidariedade e produção em rede. O objetivo dessa edição foi reunir um conjunto de textos com o intuito de promover reflexões críticas acerca das noções de economia criativa, bem como o protagonismo desempenhado pelos diversos atores envolvidos nessa área de atuação. Partindo da premissa de que muito dos setores criativos da vida social contemporânea escapam da lógica perversa de produção e exploração capitalista e não se submetem aos modelos hegemônicos de mercado de produção e circulação da produção social, a economia criativa se constitui como uma alternativa de relevância e com potencial democrático para o desenvolvimento econômico e social contemporâneo no sentido de uma produção e partilha do conhecimento contrária à lógica do capitalismo tardio. Nesse sentido, o conjunto de artigos, resenhas, entrevistas e ensaios reunidos neste dossiê desejam adensar a conscientização da nossa força como potência da economia criativa e, ao mesmo tempo, apresentar o portfólio criativo e ampliar as formas de produção da vida social. A criatividade e a inovação constituem-se como catalisadores das transformações sociais e movem a economia criativa, sendo a criação tão fundamental quanto a produção de bens e serviços.

Assim, o artigo que abre esse dossiê *Anuário da poesia paraense para a catalogação de escritores e a circulação de poesia*, de Kassia Juliana da Silva Sampaio e Abilio Pachêco de Souza, apresenta os resultados de uma pesquisa em andamento sobre a poesia de teor testemunhal na região sul e sudeste paraense com o propósito de elaborar um mapeamento da produção poética daquela região voltada à tematização das experiências partilhadas pelas comunidades locais araenses. O projeto é resultado de um cuidadoso trabalho de

leitura dos poemas publicados numa série de antologias intituladas Anuário da Poesia Paraense, organizadas pelo poeta Airton Souza, com destaque para a cena artístico-literária da cidade de Marabá e regiões circunvizinhas. Por meio de uma cena plural composta por eventos, saraus, tributos musicais, contação de histórias, exposições, lançamentos de livros individuais e coletivos, os autores assinalam uma noção muito particular do potencial de ações dos coletivos, a exemplo de academias e associações, na constituição de antologias como os anuários a partir dos quais a produção poética local se mantém por meio de ações de economia solidária.

A teoria decolonial e suas epistemes possibilitam novos olhares acerca do estudo das oralidades. Sobre isso, o artigo *O lugar do Brasil nos estudos decoloniais pelo viés da oralidade*, da pesquisadora Mauren Pavão Przybylski, trata das reflexões acerca do pensamento decolonial a partir dos pesquisadores latino-americanos e o alargamento da discussão no contexto brasileiro por outros intelectuais ao discorrer as ambivalências das academias em proposições que não aliam discurso e *modus operandi* decolonial. Neste sentido, a ênfase do artigo intenta apresentar estudos e práticas que configuram a aplicação da teoria em projetos e metodologias por meio de um breve percurso das investigações realizadas no âmbito do doutorado da pesquisadora, e que levaram a buscar o pensamento decolonial como episteme teórica e prática (quando se pensa na pesquisa de campo); a discussão acerca dos intelectuais que já vem refletindo há algum tempo tal pensamento questionando: de onde falam? O que constitui, para eles, tal teoria? E, finalmente, sobre qual perspectiva decolonial se pode discorrer e aplicar quando se pensa no campo de estudo das oralidades no Brasil contraria a lógica de produção epistemológica hegemônica.

Em seguida, o artigo *A rainha do Brasil: aspectos culturais das casas de farinha*, do mestrando Rafael Bastos de Jesus e da Professora Pesquisadora Dra. Edil Silva Costa, apresenta a mandioca como uma raiz dotada de uma força ao

mesmo tempo material, simbólica e histórica, por ser a matéria-prima para a produção da farinha, e um derivado que compõe a história das primeiras formas de economia criativa no território nacional. Os autores assinalam que essa dimensão plural da raiz se deve a vários motivos, fez parte da alimentação dos indígenas e, posteriormente africana, possui importância fundamental nas práticas culturais uma vez que mantêm um modo de produção ainda muito rudimentar. A discussão examina como a comunidade quilombola do Catuzinho utiliza-se dos cantos de trabalho fundamentais para amenizar o esforço físico dispensado na confecção da farinha e seus derivados, configurando-se como um produto primordial na movimentação da economia local. Desse modo, o artigo oferece um recorte inaudito da história dos modos de produção criativa no Brasil, tendo como destaque a mandioca e a produção da farinha na comunidade quilombola do Catuzinho, município de Alagoinhas, na Bahia.

Avançando nessa cartografia etnográfica da economia solidária, o artigo intitulado Interface entre economia solidária e desigualdades sociais a partir da experiência na Associação Maria Quitéria, em Teodoro Sampaio (BA), do mestrando Nilton Teixeira Pereira, apresenta algumas reflexões a respeito da economia solidária como possibilidade de superação do capitalismo tardio e como uma estratégia de superação das desigualdades sociais e territoriais. Essas reflexões foram levantadas pelo próprio pesquisador por meio do contato de pesquisa realizada no assentamento Maria Quitéria, e inter cruzadas com dados históricos e teorias que sustentam algumas ideias sobre modos de produção, território, cultura e sociedade. As reflexões críticas formuladas pelo pesquisador elaboram um breve, porém, apurado panorama sobre a atuação de agentes que protagonizam experiências alternativas de organização, solidariedade e produção em rede.

A noção de economia solidária e criativa encontrada nas práticas e movimentos coletivos de sujeitos femininos

desponta como o caminho escolhido pelas pesquisadoras Elaine de Araújo Carneiro, Laís Velloso Borges, juntamente com a Professora Pesquisadora Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira para propor uma reflexão sobre modos de produção de mulheres artesãs e rurais. Partindo de uma apropriação do pensamento da crítica cultural feminista, as autoras lançam um olhar atento sobre experiências de agricultoras e artesãs, articulando os dados colhidos em pesquisa de campo com as reflexões críticas e teóricas do debate cultural feminista. O resultado dessa articulação expõe de maneira contundente a perversidade na qual a exploração capitalista-patriarcal que se avilta sobre essas mulheres trabalhadoras, ao mesmo tempo em que elucidam as estratégias pelas quais elas têm reinventado formas de economia que incidem sobre a recriação si mesmas, “propondo outros saberes, outros modos de vida, mais sustentáveis, solidários, ao tempo que se afirmam enquanto sujeitos de direitos, apontando, também, para um feminismo comunitário, para outro mundo possível”.

Em *Entre imagens sabores e saberes da feira livre de Jacobina: crônica de uma ex-pressa*, a Professora Mestre e pesquisadora Luzineide Vieira de Sousa parte de um conjunto de imagens para pensar as formas pelas quais os sujeitos da feira livre da cidade de Jacobina-Ba criam e recriam a si próprios em um movimento que, nos trânsitos da feira, mobilizam sabores, saberes e afetos. A autora utiliza-se do método da cartografia social para enredar uma miríade de vozes que, em movimento polifônico, reverberam novos afetos carregando e carregados de outras vozes. Nesse espírito, o artigo desvela uma dimensão da feira livre para além das trocas comerciais, mas um espaço marcado por inimagináveis práticas cotidianas e modos de vida em que as formas de economia solidária e criativa ampliam a notavelmente práticas culturais que, por sua vez, borram quaisquer noções fechadas e acabadas de conhecimento.

Finalizamos a seção de artigos com uma reflexão acerca da preservação do patrimônio imaterial no processo de manutenção das práticas econômicas nos territórios tradicionais. O texto da doutoranda Joana Flores intitulado *Economia e solidariedade nos espaços de vida, nos lugares de memórias* resulta da vivência realizada no Quilombo Santo Antônio, em São Félix, na Bahia, durante o período do processo de registro fotográfico para o projeto de produção de exposição intitulada *Na terra planta-se resistência, colhe-se memória* como atividade da programação da 16ª Semana de Museus, em 2018, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). A partir dos seus próprios relatos enquanto ocupava função de coordenadora do Projeto e gestora do Memorial, a pesquisadora rememora as práticas produzidas no processo artesanal da feitura da farinha a partir dos quais os registros orais passados entre gerações de mulheres negras tecem as teias que formam a tessitura de ligação entre a economia como conhecimento no estabelecimento de práticas de solidariedade como forma de sobrevivência coletiva.

Para a edição deste dossiê, o mestrado e pesquisador do tema economia solidária Nilton Teixeira Pereira, traz a resenha do livro *Introdução à Economia Solidária*, do professor e pesquisador Paul Singer, uma referência fundamental no tema da economia solidária e um apurado exame acerca de sua emergência, dos princípios fundadores e suas potencialidades como proposição alternativa para se pensar outras formas de organização social e econômica, avessas à lógica exploratória, responsáveis pelas mazelas sociais e criadoras das desigualdades inerentes ao capitalismo. Por meio de uma abordagem crítico-comparativa, Singer parte das antinomias competitividade e solidariedade como os princípios distintivos e diametralmente irreconciliáveis das noções de economia capitalista a partir da qual o princípio da solidariedade se coloca radicalmente contrário. Mais do que um mero exercício conceitual, a resenha de Nilton chama atenção para o fato

de que o livro de Singer se vale de uma série de experiências ao redor do planeta de como o modelo de economia solidária desponta como o modo de produção alternativo para o desenvolvimento econômico e social capaz de desmontar e enfrentar o modo hegemônico de organização do trabalho na sociedade capitalista, perpetuador da sujeição, exploração e exclusão social produzidas ao longo dos últimos séculos.

Finalizamos este dossiê com a entrevista *Economia Criativa e Cidadania: estado de mutações constantes no cenário baiano*, fruto de uma interlocução entre a doutoranda Ana Fátima e a socioeducadora e administradora Lídia Rafaela. Nessa conversa instigante, entrevistada e entrevistadora abordam uma série de questões concernentes à temática de ampla relevância e impacto social e acadêmico: os modos de produção de mulheres artesãs e rurais, na primazia de debater sobre a economia criativa e solidária nas/a partir das práticas dessas mulheres. O diálogo principia por meio de uma reflexão que coloca em perspectiva o próprio conceito de economia criativa e seu desenvolvimento no Brasil nas últimas duas décadas para, em seguida, enveredar-se na própria experiência pessoal da entrevistada em seu envolvimento com as questões do campo. Numa dinâmica em que uma questão leva a outra, tecendo uma teia infindável de questões, destaca-se, ainda, a maneira como o diálogo firma a posição de engajamento político-social de ambas ao expandirem questões epistemológicas do campo ou das meras experiências pessoais para debaterem questões do nosso tempo e do interesse coletivo como a crise sanitária, econômica e política pela qual o país passa diante de uma política governista pode ser combatida por ações pautadas na economia criativa; ou ainda, de que maneira seria possível promover agenciamentos e desenvolvimento da economia criativa respeitando recursos tecnológicos ecologicamente sustentáveis, contemplando representatividades identitárias, mitigando as desigualdades sociais e raciais que assolam o país, potencializando o campo das artes, para citar apenas algumas dos

inúmeros temas tratados de maneira sensata e sensível por Lídia Rafaela e Ana Fátima de maneira a firmar e reafirmar uma política pautada na *arte de reexistência*, impulsionadas pelas valises da economia criativa e solidária.

A todxs, desejamos uma leitura instigante e inspiradora.

Antonio Cláudio da Silva Neto

Edivonha Leite dos Santos

Marcelise Lima de Assis